

Quais são os temas cruciais da Antropologia moderna? O que acontece nos bastidores da pesquisa antropológica? O que está por trás das "máscaras" dos comportamentos sociais? Essas e outras interrogações são respondidas por autores já clássicos e alguns inovadores do pensamento antropológico, entre os quais se incluem nomes como os de Bronislaw Malinowski, Radcliffe-Brown, Max Gluckman, Gerald Berreman, Aaron Cicourel e Claude Lévi-Strauss. Uma coletânea básica de textos antropológicos, focalizando as técnicas do trabalho de campo e o método comparativo em Antropologia Social. Obra utilíssima a todos os universitários e interessados em Ciências Sociais.

Pasta Nº 110

Fls 8 Nº Artigo AS


Francisco
Alves

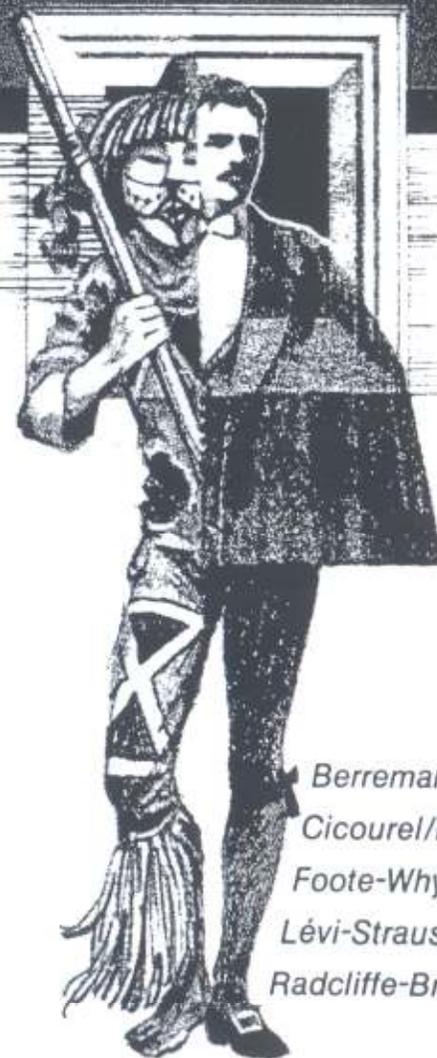
qualidade há mais de um século

DESVENDANDO MÁSCARAS SOCIAIS

ALVES ZALUAR DE OLIVEIRA



3ª edição



Berreman/Bohannan
Cicourel/Evans-Pritchard
Foote-Whyte/Gluckman
Lévi-Strauss/Malinowski
Radcliffe-Brown


Francisco
Alves

(c) Todos os direitos reservados à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

capa: AG PROGRAMAÇÃO VISUAL E ARQUITETURA LTDA.

1990

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.
Rua Sete de Setembro, 177 — Centro:
20.050 Rio de Janeiro, RJ

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

sumário

INTRODUÇÃO	9
1ª PARTE — A PESQUISA DE CAMPO	
1 — OBJETO, MÉTODO E ALCANCE DESTA PESQUISA <i>Bronislaw Malinowski</i>	39
2 — O MATERIAL ETNOGRÁFICO NA ANTROPOLOGIA SOCIAL INGLESA <i>Max Gluckman</i>	63
3 — TREINANDO A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE <i>William Foote-Whyte</i>	77
4 — TEORIA E MÉTODO EM PESQUISA DE CAMPO <i>Aaron Cicourel</i>	87
5 — POR DETRÁS DE MUITAS MÁSCARAS <i>Gerald Berreman</i>	123
2ª PARTE — O MÉTODO COMPARATIVO	
6 — A POSIÇÃO ATUAL DOS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS <i>A. R. Radcliffe-Brown</i>	177
7 — O MÉTODO COMPARATIVO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL <i>A. R. Radcliffe-Brown</i>	195
8 — AULA INAUGURAL <i>Claude Lévi-Strauss</i>	211
9 — ANTROPOLOGIA SOCIAL <i>E. E. Evans-Pritchard</i>	223
10 — O "PROGRESSO" DA ANTROPOLOGIA <i>Paul Bosannan</i>	245
BIBLIOGRAFIA	259

conflitivos e contraditórios, teremos de desenvolver conceitos para tratar da vida social que sejam menos rígidos e que possam dar conta da interdependência como também da falta de interdependência, do ocasional como também do sistemático. Uma vez que estamos no limiar desse avanço, sinto que é importante dar continuidade ao desenvolvimento da análise monográfica entendida ainda como o cerne de nossa ciência, mesmo considerando a análise comparativa contínua como um meio de verificação essencial. Mas com a mudança na análise monográfica, terá que haver uma mudança na maneira de comparar. Alego, também, que os antropólogos terão que se acostumar de novo a acolher de bom grado a grande pormenorização etnográfica, inclusive as descrições e análises de casos desdobrados, tal como acolhíamos nas décadas de 20 e 30 e rica pormenorização dos livros de Malinowski. Creio ser fatal tornar-se, como Leach, "enjoado do fato etnográfico"²⁹.

Tradução de Luís Fernando Dias Duarte

²⁹ E. R. Leach: *op. cit.*, p. vii (citado no Prefácio de R. Firth).

3 - treinando a observação participante.*

William Foote Whyte

Começando com DOC

Posso lembrar-me ainda da minha primeira saída com Doc. Nós nos encontramos uma tarde em Norton Street House e de lá nos dirigimos a um estabelecimento de jogo, dois quarteirões adiante. Segui Doc ansiosamente pelo beco escuro, atrás de um prédio de apartamentos. Eu não estava preocupado com a possibilidade de uma "batida" policial. Pensava em como me ajustaria e seria aceito. A porta abriu para uma cozinha pequena, quase sem mobília, com a pintura das paredes descascando. Logo que entramos tirei o chapéu e procurei um lugar para pendurá-lo. Não havia. Olhei em torno e neste momento aprendi a primeira lição como observador participante em Cornerville: não tire o chapéu em casa, pelo menos quando estiver entre homens. Tirar o chapéu é admissível, ainda que desnecessário, quando as mulheres estão presentes.

Doc apresentou-me a Chichi — que dirigia o negócio — como "meu amigo Bill", a amigos de Chichi e a clientes. Permaneci parte do tempo com Doc na cozinha, onde alguns homens costumavam sentar e conversar, e parte do tempo em outro cômodo, assistindo ao jogo de dados.

As conversas eram sobre jogo, corrida de cavalos, sexo e outros assuntos. Na maioria das vezes eu apenas ouvia e tentava agir de maneira amável e interessada. Havia vinho e café com licor de aniz e os camaradas se cotizando para pagar pelas bebidas (Doc nesta primeira oportunidade não me deixou pagar pela minha parte). Como Doc havia suposto, ninguém perguntou a meu respeito, porém mais

* "On the evolution of street corner society", *Street Corner Society*, Appendix, The University of Chicago Press, Chicago, 1943, pgs. 298—309.

tarde me contou que, quando fui ao banheiro, irrompeu uma conversa excitada em italiano e ele teve que convencê-los de que eu não era um policial federal. Contou-me que lhes dissera em tom firme que eu era seu amigo e que então concordaram em deixar as coisas como estavam.

Fomos juntos diversas vezes ao estabelecimento de Chichi — até chegar o momento em que me atrevi a ir lá sozinho. Quando fui recebido de maneira natural e amigável senti que estava começando a ocupar um lugar em Cornerville.

Quando Doc não ia ao estabelecimento de jogo, passava o tempo fazendo o ponto em Norton Street e comecei a acompanhá-lo. A princípio Norton Street significava apenas um lugar para se esperar até poder ir a alguma parte. Progressivamente, na medida em que consegui conhecer melhor os rapazes, tornei-me um integrante da turma de Norton Street.

Nessa ocasião, o Clube Comunidade Italiana foi organizado na região de Norton Street e Doc foi convidado a fazer parte dele. Doc trabalhou a minha aceitação no Clube e fiquei satisfeito em associar-me, pois representava algo bem diferente das turmas de rua que eu estava freqüentando.

Uma vez começando a conhecer os rapazes de Cornerville, também travei conhecimento com algumas moças. Levei uma delas à dança na Igreja. Na manhã seguinte os companheiros de esquina estavam me perguntando: "Que tal sua namorada?" Isto me abriu os olhos bruscamente. Aprendi que ir a casa de uma garota é algo que não se faz a não ser que se deseje casar com ela. Felizmente ela e a sua família sabiam que eu não conhecia os costumes locais e, portanto, não supuseram que eu estava comprometido. De qualquer modo foi uma advertência útil. Depois disso, apesar de achar algumas garotas de Cornerville excepcionalmente atraentes, nunca mais sai com nenhuma delas a não ser em grupo, e também nunca mais fiz visitas domésticas.

Na medida em que prosseguia em minha observação verifiquei que a vida em Cornerville não era tão interessante e agradável para as moças quanto o era para os homens. O rapaz possuía completa liberdade para perambular e fazer ponto na rua. As moças não podiam ficar pelas esquinas. Eram obrigadas a dividir o tempo entre as suas casas — as casas de amigas e parentes — e o trabalho, se tivessem algum. Muitas delas tinham um sonho que era o seguinte: algum rapaz de fora de Cornerville, com algum dinheiro, um bom emprego e uma boa educação viria um dia cortejá-las e levá-las do bairro. Dificilmente poderia dar-me ao luxo de desempenhar este papel.

Treinando a observação participante

A primavera de 1973 proporcionou-me um curso intensivo sobre observação participante. Estava aprendendo como conduzir-me e aprendi com vários grupos, mas especialmente com os Nortons.

Na medida em que comecei a fazer ponto em Cornerville descobri que necessitava de uma explicação para mim e para o meu estudo. Enquanto estava com Doc, garantido por ele, ninguém perguntava quem era eu e o que fazia. Quando circulei sem ele em outros grupos inclusive os Nortons ficou claro que estavam curiosos a meu respeito.

Comecei com uma explicação um tanto elaborada. Eu estaria estudando a história social de Cornerville, mas possuía uma nova perspectiva. Ao invés de trabalhar do passado para o presente, estava buscando o conhecimento exaustivo das condições atuais para depois partir do presente em direção ao passado. Eu estava muito satisfeito com esta explicação, mas ninguém mais parecia dar importância a ela. Dei este esclarecimento em duas ocasiões e cada vez que terminava havia um silêncio embaraçoso. Ninguém, inclusive eu mesmo, sabia o que dizer.

Embora esta explicação tivesse a vantagem de encobrir qualquer coisa que eventualmente desejasse fazer no bairro, era por demais complicada para ter qualquer significado para o pessoal de Cornerville.

Logo descobri que ^{construí da advertência do Jones} as pessoas estavam desenvolvendo a sua própria explicação sobre mim: eu estava escrevendo um livro sobre Cornerville. Como esclarecimento isso podia parecer inteiramente vago e, no entanto, era suficiente. Descobri que a minha aceitação no bairro dependia muito mais das relações pessoais que desenvolvesse do que das explicações que pudesse dar. Escrever um livro sobre Cornerville seria bom ou não, dependendo da opinião expressa a respeito da minha pessoa. Se eu fosse uma boa pessoa, o projeto era bom, se não fosse, nenhuma explicação poderia convencê-los de que o livro era uma boa idéia.

Claro que as pessoas não satisfaziam sua curiosidade simplesmente dirigindo-me perguntas diretas. Elas recorriam a Doc, por exemplo e lhe perguntavam a meu respeito. Doc então respondia as perguntas e lhes restabelecia a confiança no que fosse necessário.

Aprendi, logo cedo na minha estada em Cornerville, a importância crucial de obter o apoio de indivíduos-chaves em todos os grupos ou organizações que estivesse estudando. Ao invés de tentar explicar a minha presença a cada um, descobri que estava fornecendo mais informações sobre minha pessoa e o meu estudo a líderes como

Doc do que daria espontaneamente a qualquer rapaz de rua. Sempre tentei dar a impressão de que estava propenso e ansioso por contar sobre o meu estudo quanto qualquer pessoa quisesse saber, mas era somente com os líderes de grupo que me esforçava para fornecer informações completas.

Meu relacionamento com Doc mudou rapidamente neste primeiro período de Cornerville. A princípio ele era apenas um informante chave e também meu protetor. Na medida em que passamos mais tempo juntos parei de tratá-lo como um informante passivo. Discutia com ele francamente o que estava tentando fazer, que problemas me confundiam e assim por diante. Muito do nosso tempo era gasto na discussão de idéias e observações, e deste modo Doc tornou-se, no verdadeiro sentido do termo, um colaborador da pesquisa.

A consciência da natureza do meu estudo estimulou Doc a procurar sugerir dados que me interessassem. Frequentemente, quando eu o pegava no apartamento onde morava com a irmã e o cunhado, me dizia "Bill, você deveria ter aparecido a noite passada. Teria ficado interessado". Começava então a contar-me o que havia sucedido. Tais relatórios eram sempre interessantes e relevantes para o estudo.

Doc achava esta experiência de trabalhar comigo interessante e divertida, ainda que o relacionamento tivesse suas desvantagens. Uma vez comentou: "Você, desde que apareceu aqui, tem me cansado bastante. Agora, quando faço qualquer coisa tenho que pensar o que Bill Whyte gostaria de saber a respeito disso e como explicar-lhe. Antes eu agia por instinto".

De qualquer modo Doc não parecia considerar isto uma desvantagem séria. Na verdade, sem ter qualquer treino, era um observador a tal ponto perspicaz que bastava um pequeno estímulo para ajudá-lo a tornar explícito muito da dinâmica da organização social de Cornerville. Algumas interpretações que fiz são mais dele do que minhas ainda que agora seja impossível distingui-las.

Embora trabalhasse mais estreitamente com Doc do que com qualquer outro indivíduo, sempre procurei o líder dos grupos que estivesse estudando. Necessitava não só do seu apoio, mas também da sua colaboração ativa em meu estudo. Visto que tais líderes ocupavam uma posição na comunidade que lhes permitia observar melhor do que seus seguidores o que acontecia, e que eram em geral observadores mais perspicazes do que seus seguidores, descobri que tinha muito a aprender através de uma colaboração maior com eles.

Eu havia sido treinado nos métodos de entrevista a não discutir com as pessoas ou julgá-las. Isto correspondia às minhas inclinações

personais. Estava disposto a aceitar as pessoas e a ser aceito por elas. De qualquer modo, esta atitude não transpareceu muito nas entrevistas, porque fiz poucas entrevistas formais. Procurei demonstrar esta disposição para aceitar as pessoas e a comunidade através de minha participação cotidiana.

Aprendi a tomar parte nas discussões de rua sobre *baseball* e sexo. Isto não requeria um treinamento especial pois estes temas parecem ser de interesse quase universal. Não estava apto a participar tão ativamente das discussões sobre corrida de cavalos. Comecei a acompanhar as corridas de maneira vaga e amadora. Estou certo de que deveria ter dado mais atenção ao *Morning Telegraph* e a outros jornais decorrida. Ainda assim, meu conhecimento de *baseball* me garantia a participação nas conversas de esquina.

Embora me esquivasse de expressar opiniões a respeito de temas delicados, descobri que discorrer sobre certos assuntos fazia parte do padrão social e que dificilmente alguém poderia participar de um debate sem se envolver. Frequentemente surpreendia-me envolvido em discussões acaloradas, porém afáveis, sobre o mérito relativo de alguns dos principais jogadores e empresários de *baseball*. Sempre que alguma moça ou grupo de moças descia a rua, os companheiros da esquina anotavam mentalmente e mais tarde discutiam as avaliações feitas sobre as garotas. Estes julgamentos em geral tendiam a ser em termos das formas das mulheres e eu ficava satisfeito por argumentar que Mary era mais "bem feita do que Anne ou vice-versa. Naturalmente, caso um dos rapazes estivesse enamorado de Mary ou Anne nenhum comentário poderia ser feito, e também eu deveria me esquivar do assunto.

As vezes eu duvidava se fazer ponto nas esquinas era processo suficientemente ativo para ser dignificado pelo termo "pesquisa". Talvez devesse fazer perguntas aos rapazes. No entanto, é preciso aprender o momento apropriado para perguntar, assim como o que perguntar.

Aprendi esta lição nos primeiros meses, quando estava uma noite com Doc no estabelecimento de jogo de Chichi. Um homem, vindo de outra parte da cidade, nos deleitava com a história da organização do jogo. Haviam me dito que ele tinha sido um grande empresário de jogo, e falava com conhecimento de causa a respeito de vários assuntos interessantes. Ele monopolizou a conversa e, como os outros fizessem perguntas e tecessem comentários, comecei a sentir que deveria dizer alguma coisa para integrar-me no grupo. Perguntei: "Suponho que os guardas eram todos subornados?"

O jogador fez a cara de espanto. Olhou fixamente para mim. Em seguida negou com veemência que qualquer policial fosse subor-

nado e imediatamente desviou a conversa para outro assunto. Durante o resto da noite senti-me muito pouco a vontade.

No dia seguinte Doc interpretou a lição da noite anterior. "Bill, vá devagar com esse palavreado de quem, o que, por que, quando, onde. Você faz estas perguntas e as pessoas irão se calar diante de você. Se as pessoas o aceitam, você pode perambular por todo canto e a longo prazo vai ter as respostas que precisa sem fazer perguntas.

Descobri que ele estava certo. Na medida em que sentei e ouvi, obtive respostas para perguntas que nem teria feito se tivesse obtendo informações somente através de entrevistas. Naturalmente não abandonei de todo as perguntas. Aprendi apenas a avaliar a susceptibilidade da pergunta e o meu relacionamento com as pessoas de modo que só fazia perguntas em uma área sensível quando estava seguro de que meu relacionamento com a pessoa era sólido.

Quando defini minha posição na rua os dados vinham a mim sem grandes esforços. Esporadicamente, quando estava voltado para um problema específico e sentia que precisava de mais informação por parte de determinado indivíduo, buscava uma oportunidade de encontrá-lo a sós e entrevistava-o formalmente.

A princípio minha preocupação foi integrar-me em Cornerville, mais tarde no entanto tive que encarar o problema do meu nível de inserção na vida do bairro. Defrontei-o uma noite, quando passeava na rua com os Nortons. Tentando penetrar no espírito de uma conversa trivial deixei escapar uma série de obscenidades e palavrões. A caminhada foi interrompida quando todos pararam para me olhar surpresos. Doc meneou a cabeça e comentou: "Mill, você não devia falar deste modo, isto não combina com você".

Procurei explicar que estava apenas empregando termos usuais na rua. Doc, no entanto, insistiu que eu era diferente e que desejava que eu continuasse assim.

Esta lição teve um alcance maior do que o uso de obscenidades e palavrões. Descobri que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas; na verdade, sentiam-se atraídas e satisfeitas pelo fato de me acharem diferente, contanto que eu tivesse amizade por elas. Em conseqüência parei de esforçar-me por uma integração completa. Ainda assim meu comportamento foi afetado pela vida na rua. Quando John Howard veio pela primeira vez de Harvard para colaborar no estudo sobre Cornerville notou imediatamente que me expressava em Cornerville de modo diferente do usual em Harvard. O problema não era o emprego de palavrão ou obscenidades, nem de expressões gramaticais incorretas. Eu me expressava de um modo que me parecia natural, mas o que era natural em Cornerville não o era em Harvard. Em Cornerville eu falava mais entusiasticamente, engolindo os finais

e gesticulando muito. (Naturalmente, havia também diferença no vocabulário que utilizava. Enquanto estava profundamente envolvido em Cornerville, durante as minhas visitas a Harvard me via de língua travada. Eu simplesmente não podia manter discussões sobre relações internacionais, natureza da ciência e assim por diante, nas quais antes me sentia à vontade).

Na medida em que fui aceito pelos Nortons e por diversos outros grupos procurei ser bastante agradável para que as pessoas ficassem satisfeitas por me terem perto. Ao mesmo tempo, tentei não influenciar o grupo, uma vez que desejava estudar a situação afetando-a o menos possível com a minha presença. Deste modo, durante minha permanência em Cornerville evitei aceitar cargos ou posições de liderança em quaisquer dos grupos, com uma única exceção. Uma vez fui nomeado secretário do Clube Comunidade Italiana. Meu primeiro impulso foi declinar da nomeação, mas depois refleti que o trabalho de secretário é normalmente considerado um trabalho inferior — escrever minutas e responder à correspondência. Aceitei e descobri que podia escrever um relato completo do desenrolar da reunião enquanto esta ocorria, sob o pretexto de fazer anotações para as minutas.

Ainda que me esquivasse de influenciar indivíduos ou grupos, tentei ser útil no sentido em que se espera auxílio de um amigo em Cornerville. Quando um dos rapazes tinha que ir ao centro com uma incumbência e queria companhia eu ia junto. Quando alguém estava tentando obter um emprego e tinha que escrever uma carta eu ajudava a escrever etc. Este tipo de comportamento não acarretava problema, mas quando a questão era dinheiro não ficava claro de que modo deveria comportar-me. Certamente eu procurava gastar dinheiro com meus amigos da mesma forma que faziam comigo. Mas, e quanto a empréstimo em dinheiro? Em um bairro como este espera-se que um homem ajude os seus amigos sempre que possível e com freqüência o auxílio desejado é financeiro. Em diversas ocasiões emprestei dinheiro, mas sempre senti-me apreensivo. Naturalmente a pessoa se sente agradecida no momento do empréstimo, mas, e depois, como se sentirá quando é preciso pagar e não pode fazê-lo? Às vezes fica embaraçada e tenta fugir de sua companhia. Nestas ocasiões procurei tranquilizar a pessoa e dizer-lhe que não estava preocupado com o fato. Ou mesmo para que esquecesse a dívida. Mas isto não resolvia o problema e o mal-estar permanecia. Aprendi que é possível fazer um favor a um amigo e prejudicar o crescimento desta ligação.

Não conheço nenhuma solução fácil para este problema. Estou certo de que existirão momentos em que seria imprudente para o pesquisador recusar-se a fazer um empréstimo pessoal. Por outro

lado, estou convencido de que, quaisquer que sejam seus recursos financeiros, não deve procurar oportunidades para emprestar dinheiro, e sempre que puder, evitar fazê-lo de maneira cordial.

Quando o pesquisador está tentando participar de mais de um grupo, seu trabalho de campo se complica. Pode acontecer que os grupos entrem em conflito e assim esperar-se-á do pesquisador uma definição. Isto aconteceu na primavera de 1937, quando os rapazes organizaram uma partida de boliche entre os Nortons e o Clube Comunidade Italiana. Doc, naturalmente, fazia o lançamento pelos Nortons. Felizmente minha capacidade de lançamento nesta época não estava aprimorada o bastante para ser requisitado por nenhum dos dois times e pude assim ficar como espectador. Desta posição tentei aplaudir imparcialmente os bons lançamentos de ambos os times, mas temo que se tornou evidente a minha torcida mais entusiástica pelos Nortons.

Enquanto estava com os membros do Clube Comunidade Italiana não senti necessidade de defender os rapazes da rua de comentários depreciativos. No entanto, houve uma situação embaraçosa, quando eu estava com os rapazes da rua e um estudante parou para falar comigo. No decorrer da discussão ele disse: "Bill, estes camaradas não podem entender o que estou dizendo, mas estou certo de que você pode". Senti neste momento que era preciso dizer algo. Respondi-lhe que estava subestimando os rapazes e que universitários não eram as únicas pessoas sabidas.

Embora a observação correspondesse à minha opinião pessoal, estou certo de que foi justificada por razão estritamente prática. Minha resposta não abalou os sentimentos de superioridade do rapaz, nem destruiu nosso relacionamento. Por outro lado, tornou-se evidente — logo que ele nos deixou — o quanto a afirmação dele havia atingido os rapazes. Ficaram algum tempo tecendo comentários negativos sobre o mesmo, e depois disseram que eu era diferente, que apreciavam isto, e que eu sabia muito mais do que o rapaz embora não o demonstrasse.

Minha primeira primavera em Cornerville permitiu o estabelecimento de uma posição sólida na vida do bairro. Eu estava lá há algumas semanas apenas quando Doc declarou: "Você está tão ligado a esta rua quanto este poste de luz." Provavelmente, o evento mais significativo da minha aceitação em Norton Street tenha sido o jogo de *baseball* que Mike Giovanni organizou contra o grupo de adolescentes da rua. Eram os velhos jogadores, que tinham obtido vitórias gloriosas no passado, contra os jovens que despontavam, Mike designou-me uma posição no time, que não era uma posição-chave (ficava colocado no campo direito), mas pelo menos eu estava entre eles. Quando chegou a minha vez de rebater, na última metade do nono

turno, o escore estava empatado, haviam dois jogadores fora de campo e as bases estavam completas. Assim que me coloquei para rebater ouvi alguns companheiros sugerirem a Mike minha substituição. Mike respondeu-lhes em voz alta para que eu pudesse ouvir: "Não, confio no Bill Whyte. Ele se sairá bem". Deste modo, com a confiança de Mike me impulsionando, fui, errei duas rebatidas e aí golpeei firme, rasteiro, entre a segunda base e a mais próxima. Pelo menos, foi por onde me contaram que a bola passou. Estava tão preocupado em chegar à primeira base que não soube depois se consegui alcançá-la por equívoco ou sorte.

Aquela noite, quando descemos para o café, Danny presenteou-me com um anel para tornar-me um companheiro e um bom jogador de *baseball*. Eu estava particularmente comovido com o anel pois tinha sido feito a mão. Danny havia tirado do seu jogo um dado perfeito, côr de âmbar, e durante longas horas usou a brasa do cigarro para fazer nele um orifício e arredondar-lhe os cantos, de modo a tomar a forma de um coração na parte de cima. Prometi aos meus amigos que sempre guardaria o anel com cuidado.

Talvez eu devesse acrescentar que o ataque vitorioso à base teve como escore 18—17, evidenciando não ter sido eu o único a rebater a bola. Não obstante, experimentei a sensação maravilhosa de ter correspondido à expectativa a meu respeito, o que me fez sentir ainda mais que fazia parte de Norton Street.

Tão logo coletei meus primeiros dados tive que escolher um modo de organizar as anotações escritas. No estágio exploratório simplesmente coloquei todas as notas em ordem cronológica numa única pasta. Quando já podia prosseguir o estudo com diferentes grupos e problemas, tornou-se patente que isso não era solução. Fui obrigado a subdividir as notas. Parecia haver duas possibilidades principais. Eu poderia organizar as notas por tópicos, com pastas para opiniões políticas, extorsão, igreja, família e assim por diante. Ou ainda organizar as anotações em termos dos grupos, o que significaria ter pastas para os Nortons, Clube Comunidade Italiana, etc. Sem preocupar-me seriamente com o problema comecei a arquivar o material por grupo, raciocinando que mais tarde poderia reorganizá-lo por tópicos quando pudesse avaliar melhor a relevância dos mesmos. Como o material nas pastas se amontoasse percebi que a organização das anotações por grupos sociais era apropriada ao meu tipo de estudo. Por exemplo, tínhamos um estudante, membro do Clube Comunidade Italiana dizendo: "Estes escroques desmoralizam nosso bairro. Deveria ser limpo deles". E tínhamos um membro dos Nortons declarando: "Estes escroques são bons de fato. Se você precisar de ajuda eles dão. O negociante legalizado não lhe dá nem as horas". Estas declarações poderiam ser fichadas sob o título

"Atitudes relacionadas a escroques?" Neste caso mostraria apenas que existem atitudes conflitivas em relação aos escroques em Cornerville. Somente um questionário (o qual dificilmente daria conta deste assunto) mostraria a classificação de atitudes no bairro. Além disso, seria importante saber como as pessoas se sentiam de uma maneira ou de outra em relação a este assunto? Parecia-me de maior interesse científico poder relacionar a atitude ao grupo no qual o indivíduo participava. Isto mostraria porque dois indivíduos podem ter atitudes muito diferentes diante de um mesmo problema.

Na medida em que o tempo passou, até mesmo as anotações da pasta excederam o limite no qual minha memória pudesse auxiliarme a localizar qualquer informação rapidamente. Deste modo inventei um sistema de indexação rudimentar: uma página com três colunas, contendo para cada entrevista ou observação a data, a pessoa ou grupo entrevistado ou observado, e um resumo da entrevista ou observação. Este índice tomava de três a oito páginas. Quando foi necessário revisar as anotações ou redigir a partir delas, cinco ou dez minutos de manuseio eram suficientes para dar-me um quadro razoavelmente completo do que eu tinha, e onde qualquer ítem podia ser localizado.

Tradução de Cláudia Menezes

4 - teoria e método em pesquisa de campo*

Aaron Cicourel

Os pesquisadores em ciências sociais defrontam-se com um problema metodológico singular: as próprias condições de suas pesquisas constituem variável complexa e importante para o que se considera como os resultados de suas investigações. A pesquisa de campo, que para as finalidades do presente estudo inclui tanto a observação participante quanto a entrevista, é um método no qual as atividades do pesquisador exercem um papel crucial na obtenção dos dados. Este capítulo pretende rever a literatura a respeito da pesquisa de campo e examinar criticamente problemas de teoria e de método. Na discussão da literatura, tomo como ponto de partida que se pode alcançar uma forma ideal qualquer de trabalho de campo. Isto equivale em parte a criar um adversário fictício. Não procedo assim com a intenção de criticar a literatura pelos seus fracassos, mas sim de recomendar alguns ideais muito difíceis de se obter em pesquisa social. Espero indicar o tipo de teoria básica que pode ao mesmo tempo ser usada pelo observador e ser testada na pesquisa de campo. Quero também chamar a atenção para alguns dos problemas metodológicos que se encontram ao aplicar cânones da investigação científica ao trabalho de campo, além de rever algumas soluções propostas. Este capítulo focalizará a observação participante e o seguinte focalizará a entrevista.

* "Theory and method in field research", capítulo II do livro *Method and measurement in sociology*, The Free Press, Nova Iorque, 1969 (6ª edição), pgs. 39—72.